

**O CAMPO LEXICAL MEIO AMBIENTE:  
UM ESTUDO EM CARTAS DO SEMIÁRIDO BAIANO<sup>1</sup>**

Jadione Cordeiro de Almeida (UEFS)

[jadionealmeida@gmail.com](mailto:jadionealmeida@gmail.com)

Huda da Silva Santiago (UEFS)

[huda.santiago@hotmail.com](mailto:huda.santiago@hotmail.com)

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

[josanemoreira@aol.com](mailto:josanemoreira@aol.com)

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS)

[zenaide@uefs.br](mailto:zenaide@uefs.br)

**1. Sobre os aspectos teórico-metodológicos**

Assim como a História, a Sociologia e a Antropologia, as ciências do léxico podem descrever e/ou compreender a organização social de um povo. Enquanto aquelas, principalmente a Sociologia e a Antropologia trabalham com a observação imediatista, muitas vezes *in locu*, à história e, especialmente, à lexicologia cabe a reconstrução dos hábitos (costumes) de um povo pelo estudo do que está impresso ou gravado. A lexicologia parte de um ponto incomum: o estudo do léxico (ou do vocabulário) como pista para a compreensão de fenômenos sociais, antropológicos e históricos, se de fato tais fenômenos possam ser compreendidos separadamente. A lexicologia, partindo da análise do léxico ou do vocabulário que constituem o vernáculo de uma sociedade, pode identificar, respectivamente nas lexias e nos vocábulos, como se dá ou se deu a organização social de seus falantes. A partir da teoria dos campos lexicais, neste caso, caberá nesta pesquisa, a partir da listagem de alguns vocábulos representativos do campo lexical do *meio ambiente* no semiárido baiano, estabelecer as relações entre seus subcampos e, se possível, organizar os envelopes das variantes dessa região correspondentes aos vocábulos arrolados.

Como um dos objetivos neste trabalho é identificar as características peculiares do meio ambiente de uma região e sua dinâmica a partir de seu vocabulário, a unidade de observação são os *vocábulos*, por conceber que estes fazem parte de um universo em comum de uma comunidade.

---

<sup>1</sup> Agradecemos às professoras doutoras Celina Márcia de Souza Abbade e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz pelo apoio durante o desenvolvimento deste trabalho.

de/sociedade, muitas vezes figurados na condição de verbetes de alguns dicionários da língua portuguesa.

O *léxico* pode contribuir para a compreensão dos modos de vida de um povo, pois é nele que se apresenta o acervo no qual se depositam todas as manifestações linguísticas, literárias e culturais de uma dada sociedade, salienta Queiroz (2009), mas é no *vocabulário*, mais especificamente, que um povo diz muito sobre seus hábitos, costumes e história (ABBADÉ, 2009).

Como vocabulário, neste trabalho, entende-se o que é peculiar (característico) do léxico de uma nação. Dessa forma, a língua portuguesa é o idioma falado em Portugal e respectivas ex-colônias, o léxico seria o característico de cada nação. Como vocabulário, compreende-se tudo o que caracteriza o falar de um povo (região) a partir de suas motivações sócio-histórica-econômicas.

Nesta pesquisa, baseia-se na orientação onomasiológica, associada ao modelo semasiológico, a partir da teoria dos campos (COSERIU, 1986). Segundo este autor,

Um campo léxico puede definirse como paradigma léxico, es decir, como una estructura lexemática opositiva. En cuando tal, un campo léxico se caracteriza por el hecho de que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre varios lexemas que se oponen de manera inmediata unos a otros, por medio de rasgos distintivos mínimos (rasgos de contenido, naturalmente). (COSERIU, 1977, p. 185)

Com base nessa teoria estabeleceu-se uma listagem dos semas (traço semântico, componente semântico, ou simplesmente, um dos significados de cada vocábulo), que juntos constituem o semantema (conjunto de todos os semas). Neste trabalho arrolou-se os semas dos vinte e nove vocábulos distribuídos em cinco microcampos (*espaço, fenômenos naturais, vegetação cultivada, vegetação nativa, animais*) que constituem o campo lexical *meio ambiente* em cartas da zona rural da região sisaleira, a partir da consulta a dois dicionários da língua portuguesa: Houaiss (2007) e Ferreira (1986); de quatro dicionários etimológicos da língua portuguesa: Cunha (2007), Nascente (1966), Machado (1995) e Bueno (1968). Foram consultados, ainda, informantes com idade superior a cinquenta anos, oriundos/moradores da região.

A intervenção desses informantes foi relevante para complementar os semantemas dos vocábulos elencados, pois o número de suas ocorrências, observadas nos textos escritos, era limitado (perspectiva semasi-

ológica. Através desses modelos, busca-se indicar quais os vocábulos que são constituídos pelo maior número de semas e, conseqüentemente, qual teria maior significação para a região sisaleira, podendo, assim, eleger (pela expressividade do semantema) quais vocábulos melhor representariam/caracterizariam o meio ambiente nessa região.

A partir do estudo do vocabulário das cartas, tencionou-se obter indícios de como se caracteriza o *meio ambiente* na região. Isso porque, durante o processo de edição e caracterização do perfil sócio-histórico da amostra – que será utilizada mais especificamente para estudos de fenômenos de variação e mudança do português brasileiro –, despertou-se interesse pela diversidade e/ou riqueza do vocabulário que revela o modo de vida nas comunidades, e foi isso que motivou esta investigação, no sentido de perceber, através do vocabulário, pistas da identidade cultural e social a partir do ambiente em que os remetentes e destinatários das cartas estão inseridos.

## 2. *O corpus*

Neste trabalho é utilizado um *corpus* constituído por 13 cartas pessoais escritas por remetentes naturais de comunidades rurais da região sisaleira, no semiárido baiano, mais especificamente, dos municípios de Conceição do Coité, Retirolândia e Riachão do Jacuípe, redigidas ao longo do século XX. Esses documentos fazem parte do banco *Documentos Históricos do Sertão* (DOHS), do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do PB*, da Universidade Estadual de Feira de Santana. A transcrição dos documentos adota as normas do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

Das cartas que fazem parte desse banco de textos, e que correspondem à região sisaleira, foram selecionadas *as mais representativas* para a temática deste estudo, ou seja, as que apresentam um vocabulário mais variado, no que se refere ao campo lexical do *meio ambiente*.

Com exceção de um dos informantes, todos os remetentes e destinatários são de origem rural, possuem baixas condições financeiras e pouca escolarização. São lavradores, trabalham com agricultura e criação de animais; a maioria teve contato com as primeiras letras em casa, pois o acesso à escola era difícil. Isso fica bastante visível nos textos, à medida que apresentam diversos desvios ortográficos, repetição de palavras, ausência de pontuação, concordância verbal e nominal em desacordo

com a variedade linguística culta. Percebe-se que os sujeitos, conscientes da falta do domínio pleno da escrita, esforçam-se para estabelecer comunicação.

Afinal, naquele período, as cartas ainda eram o único meio acessível aos moradores da zona rural para manter a interação com os que estavam distantes. A dificuldade de acesso aos meios de transportes e a ausência de meios tecnológicos de comunicação, como telefone, faziam com que a comunicação/interação através de cartas fosse bem comum. Muitas vezes, eram entregues por terceiros, como fica visível nas referências de alguns envelopes que não possuem selos.

Integrantes da região sisaleira do semiárido baiano, os municípios de origem dos remetentes e destinatários possuem, historicamente, relações políticas, econômicas e sociais, além de fazerem limites entre si. Santos (2009, p. 4) assim descreve essa região:

O semiárido baiano ocupa a região central do estado, representando 60% da superfície territorial, abrangendo 258 municípios. 33 destes municípios compunham a chamada região do sisal, que recebe esta denominação devido a sua principal atividade econômica: a extração da fibra do sisal.

Com uma base econômica sustentada principalmente por pequenos(as) produtores/propriedades, vale ressaltar que a região sisaleira enfrenta diversos problemas sociais, como aqueles decorrentes dos longos períodos de seca que atingem a região e obrigam o trabalhador a conviver com uma difícil realidade.

### 3. *Etapas de desenvolvimento do trabalho*

Após a delimitação do *corpus*, com a escolha das cartas que apresentem os vocábulos referentes ao campo lexical do *meio ambiente*, passou-se ao levantamento das ocorrências mais representativas, distribuindo-as em microcampos específicos. Os vinte e nove vocábulos relacionados ao campo lexical do *meio ambiente* foram distribuídos em cinco microcampos, descritos a seguir:

- a) *espaço*: cerca, pasto, roça;
- b) *fenômenos naturais*: chuva, seca, tempo;
- c) *vegetação cultivada*: feijão, mandioca, milho, palha (de sisal), pimentão, quiabo, sisal;

- d) *vegetação nativa*: gravatá, macambira, mato, palmatória, umbu, umburana.
- e) *animais*: bezerra, cavalo, frango, gado, galinha, jumento, novilha, pinto, porca, vaca.

Em seguida, estabeleceram-se o(s) sema(s) de cada vocábulo e, quando possível, a sua etimologia, a partir da consulta aos dicionários. Foram privilegiados, na descrição do conceito, os semas que estão mais relacionados ao contexto em que o vocábulo está inserido, por isso, apresenta-se também a transcrição do trecho do documento em que cada um se encontra. Para ampliar o número dos semas dos vocábulos, foram utilizadas também informações fornecidas por moradores da região, obtidas através de entrevistas. Logo após, os vocábulos foram organizados em ordem alfabética, conforme a distribuição nos respectivos microcampos<sup>1</sup>. E, por fim, foi realizada a análise dos dados, correlacionando-os ao contexto espacial e temporal de produção das cartas.

#### 4. Análise

Sobre o microcampo *vegetação nativa*, entre os vocábulos listados, todos têm origem do tupi (*gravatá*, *macambira*, *umbu* e *umburana*), com exceção do vocábulo *mato*. Por designar elemento natural comum (vago/generalizado), o português europeu (PE) não adotou qualquer empréstimo equivalente das línguas nativas do Brasil, além do mais há registros antigos desse termo no latim (1083 d.C.).

Entre as categorias que normalmente abriram espaço para o empréstimo linguístico de origem indígena pelo PE, as *toponímias*, *antroponímias*, *fauna* e *flora* se destacam, em especial, esta categoria. A esse respeito, Cardoso (2005, p. 176) chama atenção para o fato de que “o vocabulário da flora brasileira de origem tupi é muito grande”. Nesta pesquisa, dos vocábulos elencados no microcampo *vegetação nativa* (de origem indígena), todos nomeiam apenas a flora local, o que de alguma forma, confirma a citação logo acima.

Os elementos relacionados à propriedade, porém, no microcampo *espaço*, estão associados à etimologia latina, ou seja, à cultura do coloni-

---

<sup>1</sup> Devido à limitação de páginas para a publicação deste artigo, não foram apresentadas as descrições dos vocábulos, assim como tabelas, imagens e/ou mapas.

zador: *cerca*, *pasto roça*, assim como no microcampo *fenômenos naturais*: *chuva* e *seca*. Tal constatação levantaria a hipótese de que os elementos mais comuns ao colonizador, em relação à vida cotidiana ou a elementos naturais, não seriam “convertidos” à língua dos indígenas, visto que tais palavras já seriam conhecidas e/ou utilizadas por ele, não havendo necessidade, portanto, do empréstimo lexical das línguas indígenas. Tal hipótese se justifica no fato de que esses vocábulos possuem registro anterior ao século da chegada dos portugueses ao Brasil: *cerca* (séc. XV), *pasto* (séc. XIII), *roça* (séc. XV), *seca* (séc. XIII), *chuva* (séc. XV).

Em alguns casos, há discordância entre o que os dicionários registram e o uso que é feito do vocábulo na região. O termo *gravatá*, por exemplo, aparece com o sema equivalente a *caroá*, porém, na região esses vocábulos designam vegetais diferentes, ainda que da mesma espécie. Em relação a *roça*, não aparece nos dicionários semas equivalentes a *zona rural*, a *campo*, a própria *propriedade rural*, sentidos esses bastante frequentes no uso local. A ênfase é dada apenas ao sema *terreno de lavração agrícola*.

O microcampo *fenômenos naturais*, apesar de conter apenas três vocábulos, identifica de forma significativa o meio ambiente da região em estudo, a qual é caracterizada pelas adversidades do clima semiárido. Assim, *chuva*, *seca* e *tempo* são elementos determinantes para a qualidade da vida do homem sertanejo. Como é possível perceber num dos trechos das cartas, a *seca/falta de chuva* está sempre associada a “problemas” e a “preocupação”:

(01) “Esperamos que Deus nos mandará *chuvas* para resolver estes problemas.” (Carta 10)

Quando a *seca* impede o cultivo vegetal, a vegetação nativa é que servirá de alimentação para os animais:

(02) “A partir de| amanhã Os meninos irão queimar palmatória| e mancambira no *mato* para o gado comer.” (Carta 10)

Com relação ao microcampo *vegetação cultivada*, pela comparação dos semas é possível constatar que normalmente os vocábulos que denominam os frutos, denominam também o vegetal de origem, como *quiabo (o fruto)*, *quiabo (a planta)*, ou ainda, de modo mais popular, *pé-de-quiabo*. De todos os microcampos em análise, *vegetação cultivada* é o que apresenta vocábulos de etimologia mais variada, com termos de origem indígena, africana e europeia e, por essa variação etimológica, nota-

se o efeito do contato linguístico/cultural na região sisaleira do semiárido baiano. Em outras palavras, a variedade de origens dos vocábulos que compõem esse microcampo revela, *a partir de uma análise linguística*, o quanto a vegetação cultivada/ agricultura sofreu influência de todos os povos que pelo Brasil passaram ou nele instalaram-se.

É importante ressaltar que alguns vocábulos, como *mandioca*, de origem tupi, apresentam um grande número de variantes, o que revela uma variedade de uso dessa matéria-prima para fins diversos pela população da região. Além de *mandioca* ser um dos vocábulos mais antigos entre os que fazem parte desse microcampo, por designar um vegetal nativo, ele se revela bastante característico do vocabulário local, visto o número de recorrência no *corpus* em estudo (aparece em três cartas).

Segundo Abbade (2009, p. 24, grifo nosso), na Idade Média, o prestígio social era medido pela alimentação:

Os legumes [na idade média] eram *alimentos úteis à classe inferior da população* [...] na alimentação medieval, [antes da chegada dos portugueses ou Brasil, cabe lembrar] a caça, a pesca e a criação selvagem, eram grandes fontes de alimentação. Os alimentos vegetais (cereais e legumes) desempenham papel secundário.

Ainda até final do século XX, tais hábitos alimentícios ainda pareciam predominantes na culinária da região sisaleira, em especial na dieta dos moradores da zona rural, que mantinham uma agricultura de subsistência. Os informantes descrevem a necessidade (uso) de grandes quantidades de cereais e de farinha de mandioca (*sacos* ou *cargas*), o que indica que o ambiente cultivado nas propriedades locais era comprometido com *áreas extensas que passaram por devastação* (provavelmente por “roçados”), conforme sugerem o fragmento abaixo:

(03) “Sim Nerado mande mi dize quanto| gusta um dia de um trabalhador e *1 saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1 saco de milho.*” (Carta 11)

Fica evidente, portanto, que no contexto em que os remetentes estão inseridos, as áreas cultivadas pelo sisal não eram as mais expressivas/predominantes, mas que elas competiam em espaço com vegetação voltada para subsistência. Uma vez que as famílias eram compostas por um número grande de filhos, exigia-se ou a compra ou o cultivo de grandes áreas ocupadas por plantação de milho, feijão, e, principalmente, mandioca (elementos formadores da base da culinária local).

Não se pode desconsiderar a relevância de carnes na alimentação da região sisaleira, mas, com certeza, pode-se dizer que sua presença na mesa parecia limitada. Nos trechos ilustrativos do microcampo *animais*, os itens elencados sempre estão associados aos verbos *vender* ou *valer*. Dessa forma, parece evidente que (grande) parte das propriedades da região era composta por pasto, visto que a criação de animais de grande porte (*vaca, jumento, cavalo*) exige espaços relativamente extensos ou que sugestivamente compromete a vegetação nativa: a caatinga. Assim como as plantações supracitadas e a caatinga, o pasto também competia com o espaço destinado ao cultivo do sisal, ficando evidente que este dá nome a essa região do semiárido baiano, mas não ocupa a maior parte da vegetação local.

No microcampo *animais*, predominam vocábulos que remetem à criação de aves (*frango, galinha e pintinho*) e a bovinos (*bezerra, gado, novilha e vaca*), além de aparecerem dois relacionados aos equinos (*cavalo e jumento*) e um a suíno (*porca*).

Todos os vocábulos do microcampo *animais* são datados de um período anterior à chegada dos portugueses ao Brasil, o que estende a hipótese relacionada aos microcampo *espaço* e *fenômenos naturais* (supracitada) ao microcampo *animais*, uma vez que os animais elencados nesta pesquisa foram introduzidos pelo colonizador na cultura (ambiente) brasileira. Não se pode negar, porém, a contribuição de vocábulos de origem indígena que nomeariam animais nativos da região do sisal. Segundo Elia (2003, p. 51), “as designações indígenas dizem mais respeito à aspectos naturais do que da realidade cultural: [...] araponga, capivara, gambá, jacaré, jararaca, juriti, piranha, sabiá, saúva, tamanduá, urubu etc. (animais)”. Nessa região, todavia, muitos desses animais deixam de ser meros elementos da natureza e passam a formar parte da *cultura alimentar* de seu povo. Por outro lado, nesse *corpus* não foi arrolado qualquer nome de animal que fosse retirado de seu ambiente natural e eventualmente domesticado (para alimentação), o que sugere a predominância da cultura do colonizador na dieta local, e consequentemente, de alguma forma, minimizou a extinção de alguns animais nativos.

Os semas encontrados nos dicionários consultados nem sempre dão conta de expressar o uso que é feito deles na região sisaleira no que diz respeito ao microcampo *animais*. Em relação à *novilha*, por exemplo, a definição encontrada foi insatisfatória, pois os semas *vaca nova* e *bezerra* não correspondem ao uso realizado nessa região. Diferente de *be-*



*zerra*, que é uma vaca nova, em período de amamentação, a *novilha* é a vaca que ainda não deu cria, apenas um dos dicionários registra tal aspecto.

##### 5. Considerações finais

Na região sisaleira do semiárido baiano, o vocabulário que compõe o campo semântico *meio ambiente* é bastante representativo do modo de vida das pessoas, levando-se em consideração que nessa região a vida do homem do campo depende das condições naturais, uma vez que o seu trabalho está voltado para a agricultura de subsistência e para a criação de animais. Nesse sentido, quando se examina o léxico regional, para Isquerdo (2001, p. 91) “analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer.”

Além de possibilitar a percepção de pistas da identidade cultural e social dos sujeitos envolvidos no processo de produção e recepção dos textos que compõem o *corpus* em análise, este estudo permitiu visualizar a dimensão do efeito do contato linguístico no vocabulário referente ao *meio ambiente*.

Cabe destacar a necessidade de estudos futuros, que possam complementar a abordagem realizada, colaborando para reconstruir aspectos sócio-históricos da região sisaleira a partir dos estudos lexicais. Além disso, ao analisar os vocábulos selecionados, constataram-se algumas limitações nas obras lexicográficas, uma vez que certos registros são insatisfatórios, pois não expressam todas as variantes nem todos os semas correspondentes ao contexto em que os vocábulos do *corpus* podem ser usados. Daí a importância de trabalhos lexicográficos e lexicológicos relacionados ao vocabulário dessa região, que possam ampliar/complementar os estudos já realizados, contribuindo para traçar o perfil identitário, social e linguístico da região do sisal.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O vocabulário da atividade sisaleira em Conceição do Coité. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, p. 145-163. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: um livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*, 8 vols. São Paulo: Saraiva, 1968.

CARDOSO, Elis de Almeida. A formação histórica do léxico da língua portuguesa. In: SILVA, Luiz Antônio da (Org.). *A língua que falamos: português: história, variação e mudança*. São Paulo: Globo, 2005.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudo sobre o léxico* [recurso eletrônico]. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, 1 CD-ROM.

SANTOS, Vilbégina Monteiro dos. A construção de uma comunidade imaginada do sisal. In: QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2009. Salvador. *Anais...* Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19154.pdf>. Acesso em: 28-03- 2011.